

TRAÇOS, CURVAS E TRANSVIOS NAS PRODUÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES JUVENTUDE E ESCOLA

Symaira Poliana Nonato¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Juliana Batista dos Reis²

Universidade Federal de Minas Gerais

Geraldo Magela Leão³

Universidade Federal de Minas Gerais

Juarez Tarcísio Dayrell⁴

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

O artigo apresenta reflexões sobre a produção do conhecimento nos estudos das relações dos/as jovens com a escola no período de 2007 a 2021, nas áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social, em 183 artigos publicados em periódicos classificados pelo Sistema Qualis Capes como A1, A2, B1 e B2 nesse período. Identificam-se três formas de tematização das juventudes que se aproximam ou se distanciam da concepção de juventude como construção social e dos/as jovens como sujeitos de direitos. Problematisa-se que a ideia de juventudes, no plural, pode não alcançar as singularidades dos modos de ser jovem na contemporaneidade. Individualização e interseccionalidade se apresentam como ferramentas analíticas para a compreensão das multifacetadas experiências dos/as jovens com a escola.

Palavras-chave: Juventudes; Jovens; Escola.

TRACES, CURVES, AND DEVIATIONS IN THE PRODUCTION ON YOUTH-SCHOOL RELATIONS

ABSTRACT

The article presents reflections on the production of knowledge in studies on the relationships of young people with school between 2007 and 2021, in the fields of Education, Social Sciences, and Social Work. It analyzes 183 articles published in journals classified by the Qualis Capes System as A1, A2, B1, and B2 during this period. Three forms of thematization of youth are identified, which either approach or

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Departamento de Administração Escolar da Faculdade de Educação (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1898-2976>. E-mail: symaira.nonato@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6477-5388>. E-mail: jubtr@ufmg.br

³ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) Professor titular do Departamento de Administração Escolar e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9894-5488>. E-mail: gleao2001@gmail.com

⁴ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) Professor aposentado da Faculdade de Educação (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7080-5662>. E-mail: juareztd@gmail.com

distance themselves from the conception of youth as a social construction and of young people as subjects of rights. The article problematizes the idea that youth, in the plural, may not fully capture the singularities of ways of being young in contemporary society. Individualization and intersectionality emerge as analytical tools for understanding the multifaceted experiences of young people in their relationships with school.

Keywords: Youth; Young people; Schools.

RASGOS, CURVAS Y DESVIACIONES EN PRODUCCIONES SOBRE LAS RELACIONES ENTRE LA JUVENTUD Y LA ESCUELA

RESUMEN

El artículo presenta reflexiones sobre la producción de conocimiento en estudios de la relación jóvenes y escuela de 2007 a 2021, en las áreas de Educación, Ciencias Sociales y Servicio Social en 183 artículos publicados en revistas clasificadas por el Sistema Qualis Capes como A1, A2, B1 y B2 en ese período. Se identifican tres formas de tematizar la juventud que se acercan o se alejan de la concepción de la juventud como construcción social y de los jóvenes como sujetos de derechos. Se problematiza que la idea de juventud, en plural, puede no alcanzar las singularidades de los modos de ser joven en la contemporaneidad. La individualización y la interseccionalidad son herramientas analíticas para comprender las experiencias multifacéticas de los jóvenes con la escuela.

Palabras clave: Juventud; Jóvenes; Escuela.

INTRODUÇÃO

Na arte de fazer pesquisa:

A expressão “reta não sonha”.

Não use o traço acostumado . . .

Arte não tem limites:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo e as pessoas do mundo . . .

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

(Nossas conversas com) Manoel de Barros (1996) – “As lições de R.Q.”⁵

Em diálogo com a poesia de Manoel de Barros (1996), que servem de inspiração para a elaboração do título e dos subtítulos deste artigo, busca-se evidenciar a maneira pela qual avistamos algumas possibilidades de realização de pesquisas em ciências humanas e, sobretudo, de investigações no campo de estudos com jovens. Nessa perspectiva, o ato de pesquisar e construir saberes pode ser desenvolvido como um “artesanato intelectual” (Mills, 1982), no qual *não se deve usar traços acostumados*, mas adotar uma postura analítica que *busque transver o mundo e as pessoas do mundo*. Especialmente em um campo de pesquisa que envolve relações intergeracionais, entre outros aspectos igualmente importantes, é necessária uma cuidadosa “vigilância epistemológica”, como aludem Pais, Lacerda e Oliveira (2017), para que as análises das

⁵ Os versos originais de Manoel de Barros foram alterados para a construção dos “nossos diálogos com o autor”.

experiências juvenis não sejam tecidas por traços ordinários, como os usos quase protocolares de alguns conceitos, por exemplo.

Quanto às pesquisas sobre juventudes no Brasil, destacamos a constituição, ao longo das últimas décadas, de um campo de estudos marcado pela diversidade de perspectivas teóricas, abordagens e possibilidades analíticas. Esse processo remonta, entre outras referências fundamentais, às contribuições pioneiras de Marialice Foracchi (1972), cujos estudos se tornaram importantes para a compreensão sociológica das juventudes no país e para a abertura de novas frentes de investigação sobre os/as jovens e suas relações com a sociedade. Assim, por um lado, coloca-se o desafio de analisar a centralidade que determinadas perspectivas teóricas e metodológicas assumem nas pesquisas sobre juventudes. Por outro, a convergência em torno de alguns pressupostos epistemológicos pode limitar a abertura do campo a novas perspectivas, capazes de apreender as transformações que atravessam as experiências juvenis, individuais e coletivas.

Nesse contexto, o objetivo central deste artigo consiste em dialogar com a produção de conhecimento no campo de estudos sobre as relações entre juventudes e escola, no período de 2007 a 2021, nas áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social⁶, em artigos publicados em língua portuguesa⁷ em periódicos classificados pelo Sistema Qualis Capes como A1, A2, B1 e B2 nesse período.

Foram consultados artigos registrados no Portal de Periódicos da CAPES, tendo em vista a sua abrangência como biblioteca virtual de publicações acadêmicas nacionais. Sendo vinculado ao Sistema Qualis Capes, o portal permite o acesso aberto a produções relevantes dos programas de pós-graduação brasileiros. Os artigos foram inicialmente selecionados a partir dos seguintes descritores: 1) Juventude or juventudes, 2) jovem or jovens, 3) adolescência or adolescentes, 4) cultura juvenil or culturas juvenis, 5) condição juvenil, 6) estudante or estudantes, 7) estudantil or estudantis, 8) secundarista or secundaristas, 9) militante or militantes, 10) moço or

⁶ Este artigo é fruto da pesquisa intitulada “O campo de estudos de juventude no Brasil e suas interfaces com a educação e o trabalho: balanço e perspectivas da produção acadêmica (2007-2021)”, que visou refletir sobre as tendências da produção acadêmica no campo da sociologia das juventudes. Coordenação: Maria Carla Corrochano (UFSCAR), e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

⁷ Não foram realizadas análises de artigos de periódicos estrangeiros.

moça, 11) menino or menina, 12) guri or guris, 13) aluno or aluna or alunos or alunas, 14) discente or discentes, 15) Nem nem, 16) menor or menos aprendiz, 17) aprendiz or aprendizes, 18) estagiário or estagiários, 19) geração or gerações, 20) intergeracional or intergeracionais, 21) geracional or geracionais, 22) juvenil or juvenis, 23) filho (a, as, os), 24) universitário (a, as, os), 25) graduando (a, as, os).”

Foi realizado um levantamento inicial de 248 artigos sobre a temática juventudes e escola, incluindo produções que, ainda que indiretamente, dialogavam com a temática escolar em interface com as juventudes. A partir da leitura dos resumos, procedeu-se a uma segunda etapa de seleção, destinada a verificar a efetiva pertinência dos textos ao objeto investigado. Foram excluídos 35 artigos nos quais os descritores empregados na busca não se articulavam efetivamente às temáticas das relações entre a juventude e a escola, além de 30 textos que não atendiam aos critérios relativos às áreas do conhecimento, ao recorte temporal ou ao idioma estabelecidos na pesquisa. Ao final desse processo, foram selecionados 183 artigos para leitura na íntegra.

A análise dos textos foi orientada por um roteiro de caráter analítico, elaborado para sistematizar informações bibliográficas, metodológicas, teóricas e analíticas das produções. Inicialmente, foram registrados dados gerais, como título, palavras-chave, periódico, ano e local de publicação e instituição de vinculação. Em seguida, foram examinados: (a) o foco e o objeto do artigo; (b) a abordagem metodológica e os instrumentos de pesquisa utilizados; (c) os procedimentos de seleção dos sujeitos; (d) as formas de caracterização dos sujeitos da pesquisa; (e) a noção de juventude mobilizada; (f) os referenciais teóricos que fundamentam a análise; e (g) os principais resultados apresentados. Esse procedimento permitiu não apenas identificar a recorrência da temática juventudes e escola, mas também analisar como os/as jovens são constituídos/as como sujeitos de pesquisa e como a relação entre juventude e escola é metodológica e teoricamente abordada nas produções selecionadas.

As leituras dos referidos 183 artigos e a análise dos roteiros suscitaram as seguintes indagações: em que medida as produções no campo da juventude nesse referido recorte têm conseguido *tirar da natureza as naturalidades*, como nos diz o poeta, ou seja, têm deslocado olhares para outras dimensões da condição juvenil para

além da dimensão etária ou estudantil? Como os/as jovens são abordados/as pela produção sobre a relação juventude e escola? Os artigos avançam nas discussões sobre a relação juventude e escola sem usar *traços acostumados*? Em outras palavras, avançam nas discussões sobre juventude e escola, deslocando-se de abordagens e perspectivas analíticas já consolidadas? Se sim, que traços são esses e como se caracterizam? E, especialmente, em que medida os estudos acerca das relações dos/as jovens com a escola ampliam as possibilidades de fazer pesquisa *com os sujeitos* e adensam o conceito de juventudes?

Neste texto, ao desenvolver análises que compreendem as relações dos/as jovens com a escola, sinalizamos de antemão que as produções contemporâneas apresentam distintas perspectivas teórico-metodológicas no empreendimento de analisar a condição juvenil em conexão com a instituição escolar. Os trabalhos exploram as experiências escolares e juvenis a partir de uma extensa variedade de questões. Processos de ensino e aprendizagem, desigualdades escolares, indisciplina, relações família-escola, currículos, trajetórias, relações cotidianas, violências e violações, experiências, sentidos, identidades e culturas juvenis são alguns dos temas que permeiam os artigos analisados.

Busca-se, assim, lançar olhares sobre as produções que desenvolvem suas análises a partir de uma “perspectiva não escolar da escola”, conforme propõe Marília Sposito (2003). A autora aponta a possibilidade de compreender os processos escolares sem tomar necessariamente a instituição como unidade empírica, uma vez que a escola pode ser analisada a partir dos sujeitos, dos marcadores sociais da diferença, dos movimentos sociais e das ações coletivas, das formas de comunicação e participação, do lazer e dos grupos juvenis. Sugere-se olhar para além dos limites institucionais, perceber a escola como unidade territorial, já que “a vida escolar é amplamente determinada pelas relações sociais a ela externas, em seu interior não ocorre a mera transposição: há recriação, transformação ou produção de novas relações sociais” (Sposito, 2003, p. 221).

Partimos da ideia de que a juventude é uma condição social atravessada por marcadores etários institucionalizados, mas não é redutível a eles. A juventude se

configura como uma etapa no ciclo da vida marcada por uma série de transformações subjetivas, biológicas, psíquicas, coletivas e culturais; contudo, é vivida a partir de diferentes contextos históricos, políticos e sociais. Logo, é possível afirmar que existam juventudes, no plural, visto que a experiência juvenil é marcada pelas experiências socioculturais dos sujeitos. Dessa forma, considerar a condição juvenil implica compreender tanto os modos de vivenciar e significar essa fase da vida, os marcados sociais da diferença que a atravessam – origem social, gênero, sexualidade, raça, etnia, território, práticas culturais – as relações estabelecidas com diferentes instituições e processos de socialização como família, escola, trabalho, religião, bem como as formas como os/as jovens são representados/as socialmente. (Dayrell, 2007; Abramo, 2005). Portanto, cabe destacar que os/as jovens que compõem a juventude são sujeitos concretos, em carne, sangue e espírito, como salienta Maria Carla Corrochano (2008). Em outras palavras, “na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem” (Dayrell, 2007, p. 4).

A análise dos artigos está organizada em torno de três eixos. Inicialmente, são discutidas três formas de tematização dos/as jovens identificadas nas produções analisadas. Em seguida, problematiza-se a perspectiva não escolar no estudo das relações entre juventudes e escola, articulando-a aos aspectos metodológicos e relacionais que emergem das pesquisas com jovens. Por fim, à luz das análises realizadas, retoma-se a categoria juventude, buscando evidenciar continuidades, deslocamentos e rupturas no campo.

TRAÇOS E CURVAS: DIFERENTES TEMATIZAÇÕES SOBRE OS/AS JOVENS

A análise dos artigos buscou apreender como as pesquisas abordaram a condição juvenil e, ao mesmo tempo, identificar quais nomeações são utilizadas, considerando suas possíveis implicações para as análises desenvolvidas. Parte-se da hipótese de que as formas como os/as jovens são inseridos/as e nomeados/as na pesquisa – como informantes ou participantes em diferentes graus – pode ser uma maneira de compreendê-los/as. Desse modo, supõem-se que as formas como são

abordados/as ou qualificados/as (estudantes, alunos/as, trabalhadores/as, vulneráveis, indisciplinados/as, militantes, etc., termos acompanhados ou não da condição juvenil) traduzem não apenas uma perspectiva analítica, mas também posicionamentos epistemológicos e relacionais diante dos sujeitos da pesquisa. Observa-se alguma variedade nas abordagens que centralizam e problematizam a condição juvenil. A análise dos artigos permitiu, a partir de um exercício interpretativo, identificar três formas de tematização sobre os/as jovens.

- 1) O/a jovem aparece como informante, sem que sua condição de sujeito da pesquisa seja efetivamente considerada. Em geral, sua presença nas investigações se restringe a um recorte etário, sem que sejam problematizadas as implicações dessa delimitação ou seus possíveis desdobramentos analíticos;
- 2) A análise explora características ou algum aspecto da experiência dos/as jovens sem conceituar como uma condição social. Nesses artigos, como na tematização anterior, não se observa uma problematização das relações entre o fenômeno pesquisado e a condição juvenil;
- 3) A condição juvenil é objeto de análise e problematização, havendo uma preocupação em compreender o perfil dos/as jovens pesquisados/as, suas trajetórias, origens sociais, etc. Há, sobretudo, a busca por desenvolver uma análise a partir do olhar dos/as sujeitos e de seus contextos de vida.

Considerando essas três formas de tematização, é possível apreender diferentes modos de abordar a juventude e a condição juvenil. Nas pesquisas que discutem a relação entre juventudes e escola, observa-se uma relação entre as temáticas privilegiadas e o grau de aprofundamento conferido à juventude como um objeto de análise, aspecto que será desenvolvido a seguir. Em debates sobre a indisciplina escolar, por exemplo, tende a prevalecer a condição de aluno/a como eixo de análise, enquanto em pesquisas voltadas às relações sociais no cotidiano escolar, a condição juvenil ganha expressividade.

As escolhas metodológicas também parecem se relacionar com diferentes graus de aproximação dos/as jovens nas pesquisas. Observa-se que os artigos fundamentados em metodologias quantitativas não desenvolveram análises que

considerassem de modo mais sistemático a condição juvenil. Isso não significa afirmar que as metodologias quantitativas impliquem, em si mesmas, um apagamento dos sujeitos da pesquisa., mas o modo como os dados foram sistematizados e/ou construídos (os tipos de dados selecionados, os recortes realizados, as correlações estabelecidas, etc.) contribui para a produção de análises em que a condição juvenil assumiu pouca visibilidade.

A “JUVENTUDE É APENAS UMA PALAVRA?”: PROBLEMATIZANDO TRAÇOS ACOSTUMADOS

Nos artigos desse grupo, a categoria juventude não é objeto de uma construção teórico-metodológica mais sistemática, o que se traduz na limitada mobilização de elementos capazes de apreender as especificidades e dimensões da experiência juvenil contemporânea no contexto investigado e entre os sujeitos da pesquisa. Pode-se apontar que nesse grupo de artigos, a juventude se constitui como “apenas uma palavra”, em alusão às ideias de Pierre Bourdieu (1983), já que o sujeito jovem aparece a partir de marcadores etários. Ao tomar a juventude como mera categorização etária há limites analíticos, pois, as divisões por idade são arbitrárias e os limites da juventude são objetos de manipulação, visto que “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (Bourdieu, 1983, p. 113). Dessa maneira, a juventude não seria um dado, mas uma construção social oriunda da necessária classificação das idades da vida e, também, das tensões geracionais. As relações entre idade social e idade biológica são complexas, haja vista que a idade pode ser considerada um “dado biológico socialmente manipulado e manipulável” (Bourdieu, 1983, p. 113). Assim, a noção de juventude, segundo o autor, só faz sentido no contraste entre as pessoas mais jovens e mais velhas. Regina Novaes (2006) afirma que as “idades” representam um marco especialmente para os estudos estatísticos, as definições de idades de escolarização obrigatória ou do direito à escolarização, na atribuição de idade mínima para a responsabilização penal e, por isso, são marcações que precisam ser consideradas. Contudo, sem desconsiderar tais aspectos, não se pode ignorar que “qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais”

(Novaes, 2006, p. 105). Logo, os marcadores etários, de maneira isolada não conseguem abarcar a complexidade relativa à condição juvenil.

Nesse sentido, nota-se que alguns trabalhos desenvolveram análises estabelecer diálogo com as dimensões constitutivas da condição juvenil, enquanto outros focalizaram os sujeitos da pesquisa a partir de determinados aspectos de suas experiências como jovens. No entanto, em ambos os casos a juventude permaneceu circunscrita a uma categorização etária com características relativamente homogêneas. É o caso do artigo de Silva e Matos (2014), que analisa os resultados de um survey sobre

as percepções de estudantes de escolas públicas de Minas Gerais sobre a incidência de comportamentos de indisciplina em sala de aula, analisando como alguns fatores se associam a essa percepção: nível de ensino, sexo dos estudantes, nível socioeconômico, atraso escolar, proficiência em língua portuguesa e matemática e as práticas pedagógicas dos docentes (Silva, Matos, 2014, p. 713).

Ao analisar alunos/as em diferentes faixas etárias, do Ensino Fundamental e do Médio, o artigo não discute sobre a condição juvenil, embora relacione os tipos de indisciplina com a idade e outras características estudantis. Dessa maneira, a discussão concentra-se na indisciplina como fenômeno escolar sem relação com as trajetórias, as experiências e os contextos juvenis.

Não se trata de desconsiderar a relevância da dimensão etária no campo da Sociologia das Juventudes, mas de reconhecer que sua adoção como único marcador pode invisibilizar a diversidade das experiências juvenis contemporâneas. Estas já não se ajustam a um modelo linear de trajetória, sendo marcadas por processos de descronologização, nos quais experiências e atributos associados a diferentes fases da vida tornam-se menos rigidamente vinculados às expectativas socialmente construídas para cada etapa, como discute Guita Debert (2004).

A ausência de uma tematização mais aprofundada dos aspectos da condição juvenil pode ser resultado de uma postura teórico-metodológica na qual as ênfases das análises recaem sobre o fenômeno estudado, sem estabelecer possíveis relações com a condição juvenil. Nesse sentido, em alguns artigos sobre a violência e a indisciplina escolar, há uma tendência em relacionar determinadas transgressões como

características de determinadas faixas etárias. No entanto, toma-se o/a aluno/a como um indivíduo abstrato, como se os/as pertencentes àquele estrato etário em situação de indisciplina ou violência escolar tendessem a assumir as mesmas atitudes. De todo modo, tal postura expressa determinada concepção do/a jovem e de sua relação com a escola, na qual sua capacidade de agência e seu lugar como sujeito do fenômeno estudado permanecem pouco reconhecidos. Em artigos que discutem a cultura escolar, por exemplo, a condição estudantil ganha destaque e a condição juvenil “sai de cena”.

Outra tendência observada refere-se à insuficiente caracterização dos/as jovens estudados/as, especialmente no que diz respeito às suas condições sociais, econômicas e culturais. Alguns artigos incorporam o perfil dos/as participantes de forma descritiva. Em direção semelhante, observa-se, em parte dos estudos, uma caracterização limitada do contexto empírico no qual as pesquisas foram realizadas, o que restringe a compreensão das condições sociais e institucionais que conformam os fenômenos analisados.

Em vários casos, não são informadas as idades dos sujeitos pesquisados sendo indicada apenas a etapa ou série escolar que frequentam. Não por acaso, em tais estudos os/as participantes são costumeiramente descritos a partir da categoria “aluno/a”. Quando empregados, os termos “adolescente” e “jovem” parecem operar predominantemente como variações vocabulares, sem que se estabeleça entre eles uma diferenciação conceitual ou uma elaboração analítica mais consistente. É possível afirmar que o olhar sobre os/as jovens a partir da categoria aluno/a e, também, com ênfase na dimensão etária, desempenhou papel importante na constituição e consolidação do campo de estudos da Sociologia das Juventudes, especialmente em um momento inicial de desenvolvimento das investigações.

A perspectiva de investigar os/as jovens a partir da categoria aluno/a /ou, com foco na dimensão etária, foi um movimento relevante para o campo de estudos da sociologia das juventudes no momento que as investigações começaram a ser realizadas. Na contemporaneidade, contudo, os avanços teórico-metodológicos do campo têm contribuído para ampliar as possibilidades de compreensão das juventudes, colocando novos desafios às pesquisas, entre eles o de evitar o “traço acostumado” e incorporar outras dimensões da experiência juvenil às análises.

Dessa forma, a ênfase nos/as jovens como informantes pode circunscrever sua participação na pesquisa à condição de fontes de informação, deixando em segundo plano sua dimensão de sujeitos que interpretam, significam e produzem as experiências investigadas. Nessa perspectiva, corre-se o risco de tomar a juventude como uma categoria genérica ou como um “mero signo”, pouco articulada às condições sociais e históricas que a constituem e nas quais os/as próprios/as jovens também atuam.

A “JUVENTUDE É MAIS QUE UMA PALAVRA”: DESACOSTUMANDO AS RETAS

Em outro conjunto de artigos, embora sejam mobilizados alguns aspectos da condição juvenil, estes não são analisados de modo a compreendê-la enquanto uma condição social, historicamente situada e atravessada por diferentes determinações. Nesse sentido, os artigos mobilizam características juvenis ou aspectos dos modos de ser jovem sem, contudo, desenvolver uma reflexão analítica sobre a própria noção de juventudes.

Apesar da expressiva presença de aspectos que poderiam caracterizar a condição juvenil, a exemplo do lugar da escola nas biografias dos/as estudantes, as dimensões da sociabilidade e a relação entre a cultura escolar e a cultura juvenil não são incorporadas às análises. Cabe salientar que os artigos não necessariamente contemplam a totalidade dos dados e esforços analíticos das pesquisas que os originaram, uma vez que sintetizam investigações mais amplas. Feita essa ressalva, observa-se que, em grande parte dos artigos, não são apresentadas análises sistemáticas do perfil social, econômico e cultural dos/as jovens participantes. Em alguns casos, observa-se maior sensibilidade analítica na exploração de aspectos da condição juvenil articulados de modo mais estreito ao fenômeno investigado. Entre os artigos que abordam a violência escolar, Ruotti (2010), por exemplo, relaciona as situações de violência vivenciadas no espaço escolar à violência presente no bairro e a características da sociabilidade juvenil. Perspectiva próxima pode ser identificada em Silva e Costa (2016), que articulam a discussão à ocorrência de situações associadas a determinados “desvios” juvenis, como o uso de drogas. Esses trabalhos avançam ao

incorporar dimensões das experiências e dos modos de ser jovem à análise dos fenômenos investigados. Ao mesmo tempo, é necessário considerar o risco de que a interpretação reforce uma associação recorrente entre juventude e desvio social, perspectiva historicamente presente tanto em determinadas tradições sociológicas quanto nos imaginários social e político sobre os/as jovens (Abramo, 1997).

Cabe, ainda, mencionar o artigo de Franco e Davis (2011), que, por meio da análise biográfica de dois jovens, contempla algumas dimensões da condição juvenil, como a sociabilidade. Embora recorra às histórias de vida, o estudo tem como foco os “elementos constitutivos da construção social da autoestima no processo de ensino-aprendizagem de alunos que viveram histórias de fracasso escolar” (p. 99), sem articulá-los às experiências socioculturais dos/as jovens. Desse modo, a condição de aluno/a acaba por prevalecer na análise, sem que sejam aprofundadas as relações entre as experiências escolares e as experiências juvenis.

Quanto a alguns artigos que abordam os processos de ensino e aprendizagem (Coutinho et al., 2012; Reis, 2014; Janata, 2015; Souza, 2016; Souza & Charlot, 2016), identificamos que os/as jovens participantes das pesquisas são abordados/as a partir de diferentes metodologias, comumente são vistos/as como estudantes do Ensino Médio e seus questionamentos são levados em consideração nas análises. Contudo, a condição juvenil não é costumeiramente problematizada.

Por fim, cabe mencionar alguns artigos que mobilizam concepções de adolescência construídas em diálogo com referenciais da Psicologia. Nesses trabalhos, embora sejam apresentadas formulações sobre a adolescência, nem sempre se estabelecem relações mais explícitas entre essas concepções e as análises desenvolvidas (Santos et al., 2014). Observa-se, ainda, a recorrência de delimitações etárias da adolescência, sem que estas sejam necessariamente articuladas a uma discussão mais ampla sobre as diferentes dimensões das experiências juvenis.

JUVENTUDES EM PERSPECTIVA: EXERCÍCIOS DO TRANSVER

Em um terceiro conjunto de artigos nota-se a perspectiva de compreensão dos sujeitos para além da condição estudantil e da dimensão etária, ampliando o olhar para

o/a estudante como jovem, abarcando os cotidianos, as experiências, as trajetórias e as identidades juvenis. Esses artigos buscam estabelecer um diálogo mais consistente com o campo de estudos da juventude na interlocução com diferentes áreas e filiações epistemológicas nacionais e estrangeiras.

Em diferentes graus de explicitação, as produções analisadas mobilizam noções de juventude em perspectiva processual, enfatizando sua constituição social e histórica e sua diversidade. Em contraste com os artigos que tomam os/as jovens predominantemente como informantes, essas produções ampliam a compreensão da juventude para além de uma designação ou de “uma palavra”, aproximando-se da formulação de Urresti e Margulis (1996) em seu diálogo crítico com Bourdieu (1983).

Nesses estudos, evidencia-se a preocupação em apreender diferentes modos de ser jovem, a partir de reflexões sobre o cotidiano juvenil na escola, no trabalho e na vida social, frequentemente articuladas às múltiplas experiências de desigualdade. Os artigos que assumem essa perspectiva partem de uma problematização da noção de juventude circunscrita à faixa etária e/ou concebida de forma abstrata e homogênea, enfatizando sua constituição social e histórica e a diversidade das experiências juvenis. (Dayrell, 2007, Leão, et al., 2011; Leão, et al., 2011b; Klein & Arantes, 2016; Andrade, 2017; Bandera, 2016; Brenner & Carrano, 2014; Tomazetti & Schlickmann, 2016; Reis, 2012; Coelho & Coelho, 2015, Bittar, 2015; Pereira, 2016; Dayrell et al., 2010; Sales & Vasconcelos, 2016). Tais abordagens reconhecem a idade como um princípio de ordenação da atividade social, ao mesmo tempo em que evidenciam o caráter ambíguo e, por vezes, impreciso das categorias etárias, cujas fronteiras se apresentam de modo tênue e socialmente variável.

Observa-se a incorporação das vozes juvenis às análises, sobretudo por meio de depoimentos, de modo que os fenômenos investigados são apreendidos também a partir das perspectivas dos/as jovens. Em alguns artigos, por exemplo, destacam-se a sociabilidade e as formas de participação dos/as jovens na escola, enquanto outros focalizam mudanças nos comportamentos juvenis ao longo das diferentes idades. Também são mobilizadas “classificações nativas”, como na análise das trajetórias de

sucesso escolar realizada por Bandera (2014), na qual emergem categorias como “nerd” e “prodígio”.

As produções que desenvolvem um olhar mais atento à condição juvenil tendem a recorrer a abordagens metodológicas que privilegiam a escuta dos/as jovens. As produções que desenvolvem um olhar mais atento à condição juvenil tendem a recorrer a abordagens metodológicas que privilegiam a escuta dos/as jovens. Nas pesquisas que articulam juventude e escola, predominam abordagens qualitativas, frequentemente combinadas a diferentes técnicas e instrumentos de produção de dados. Nesses estudos, as perspectivas dos/as jovens sobre a escola são apreendidas por meio de depoimentos individuais, entrevistas, grupos focais, postagens em redes sociais digitais, entre outros recursos. Contudo, nem sempre se observa uma correspondência evidente entre a diversidade anunciada no plano teórico e aquela efetivamente contemplada nas análises dos dados empíricos.

Essa forma de tematização, ao compreender as juventudes para além de uma designação, reconhece a pluralidade das experiências juvenis e sua constituição social e cultural (Sposito, 2002). Nessa perspectiva, parte da produção contemporânea busca desnaturalizar concepções homogêneas de juventude, considerando os diferentes contextos e modos de ser jovem.

TRANSVIO I: POR UMA PERSPECTIVA NÃO ESCOLAR NO ESTUDO DA JUVENTUDE E DA ESCOLA

Analisar as juventudes a partir da sua pluralidade implica considerar como condições sociais, culturais e pertencimentos identitários atravessam e configuram diferentes modos de vivenciar essa fase da vida. Mais do que indagar sobre as possibilidades e limites das experiências juvenis, trata-se de que “a reflexão deve se pautar sobre os diferentes modos como tal condição é ou pode ser vivida” (Abramo, 2005, p. 44).

Essa forma de (trans)ver, escutar e dialogar com os/as jovens aproxima-se das construções epistemológicas do campo da Sociologia das Juventudes, mas também coloca em questão os limites da própria noção de “juventudes”, no plural. A pluralização da categoria, embora permita reconhecer a diversidade das experiências

juvenis, não garante, por si só, sua apreensão analítica. Torna-se necessário, portanto, interrogar quais diferenças são efetivamente consideradas e como se articulam condições sociais, culturais e pertencimentos identitários na produção de distintas experiências juvenis. Caso contrário, a própria categoria “juventudes” pode se converter em uma chave de leitura “acostumada”, em referência à poesia de Manoel de Barros.

A análise dos artigos evidencia um movimento de ampliação das formas de compreender a escola, recolocando em questão a pertinência de perspectivas não escolares para sua investigação (Sposito, 2003). Nessa direção, Marília Sposito (2003) propõe à Sociologia da Educação ampliar seus objetos e modos de abordagem para compreender a escola por vias não escolares, deslocando o olhar para além de suas dimensões estritamente institucionais. Desse modo,

é preciso considerar uma distinção importante entre a categoria analítica – escola – e a unidade empírica – escola – objeto de investigação. A relevância analítica da instituição escolar não implica necessariamente o seu estudo empírico, sendo esse o primeiro aspecto da via não escolar no estudo sociológico da escola. O segundo reside na ideia de que, mesmo considerando-se a escola como unidade empírica de investigação, é preciso reconhecer que elementos não escolares penetram, conformam e são criados no interior da instituição e merecem, por sua vez, também ser investigados (Sposito, 2003, p. 215).

A “perspectiva não escolar no estudo da escola” pode desafiar as pesquisas com jovens, quando dispostas a examinar a relevância da experiência escolar/juvenil, sem necessariamente adotar a instituição como espaço empírico. A presença da escola nas redes sociais digitais amplia os espaços a partir dos quais ela pode ser investigada, deslocando o olhar para além de seus limites arquitetônicos e permitindo alcançá-la na vastidão dos territórios *online*. As culturas, experiências e *performances* juvenis/estudantis que circulam nas redes sociais digitais constituem, nesse sentido, importantes expressões das formas pelas quais os/as jovens apreendem, significam e narram a experiência escolar.

A internet, as redes sociais digitais e os aplicativos de comunicação foram importantes suportes de construção e desenvolvimento das ações coletivas de ocupações escolares, por exemplo, reforçando a importância do ciberespaço e da

cibercultura para as experiências juvenis contemporâneas. No ano de 2015, em São Paulo, “antes das primeiras ocupações serem deflagradas, já havia um amplo conjunto de *posts*, *hashtags*, abaixo-assinados e muitos comentários circulando intensamente nas redes sociais.” (Corti et al., 2016, p. 1.167). Com a ampliação das ocupações em 2016, a luta contra a reforma do Ensino Médio ecoou intensamente na arena *online*.

Algumas pesquisas e produções audiovisuais⁸ destacam o protagonismo das jovens mulheres estudantes como ocupantes ativas e dedicadas ao combate aos estereótipos e às desigualdades de gênero no cotidiano do movimento (Corti et al., 2016). A experiência protagonista de jovens mulheres estudantes também evidencia a interseccionalidade como uma possibilidade analítica para os estudos com jovens. Collins e Bilge (2021) afirmam que:

a interseccionalidade está em toda parte e é poliglota: fala tanto a língua do ativismo e da organização comunitária quanto a da academia e das instituições. Fala tanto à juventude por meio das mídias sociais e da cultura popular quanto ao corpo acadêmico através de conferências e publicações especializadas (Collins & Bilge, 2021, p. 13).

Aliás, são as próprias jovens que interpelam as investigações, por meio de seus olhares sensíveis sobre as intersecções de geração, classe, raça, gênero, território e sexualidade, inclusive com reflexões compartilhadas nas redes digitais⁹. Contudo, nos artigos analisados, não se observa a prevalência de abordagens que considerem a experiência escolar a partir das relações entre geração e outros marcadores sociais da diferença. Nesse sentido, coloca-se para as pesquisas com jovens o desafio de apreender como esses marcadores se entrelaçam na constituição das experiências juvenis e escolares.

Nos estudos sobre as relações entre juventudes e escola, abre-se a possibilidade de construir análises que considerem as interações entre sujeitos juvenis

⁸ Lute como uma menina é um documentário dirigido por Flávio Colombini e Beatriz Alonso (2016), que apresenta o protagonismo das jovens mulheres secundaristas nas ocupações paulistas. <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>

⁹ Diante da pluralidade de produções juvenis que circulam nos ambientes digitais, encontram-se narrativas e movimentos diversos, nos quais jovens produzem, compartilham e disputam sentidos sobre suas experiências, identidades e relações sociais. Essas produções podem articular dimensões de geração, raça, gênero, classe, território e sexualidade, mobilizando tanto perspectivas feministas e antirracistas quanto discursos conservadores, antifeministas e misóginos. O ciberespaço constitui, assim, um território de expressão, sociabilidade e ação coletiva juvenil, mas também de conflitos, disputas e reprodução de desigualdades, tornando-se relevante para compreender a multiplicidade e as contradições que atravessam as experiências juvenis contemporâneas.

diversos e os marcadores sociais da diferença, para além das relações de opressão, contemplando também os modos de agência e as possibilidades de constituição dos sujeitos. Desse modo, como menciona Alexandre Pereira (2017, p. 162), interpretar determinados grupos somente a partir da “chave da dominação, apesar das boas intenções que tal postura, geralmente, pode contemplar, acabam por reduzi-los ao papel único e exclusivo de vítima, o que pode gerar o efeito contrário de reforçar a violência simbólica que denunciam”. Assim, seria pertinente que os estudos das juventudes se debruçassem sobre as experiências de jovens negros/as, LGBTQIAPN+, indígenas, do campo, ribeirinhos/as e oriundos/as de diferentes segmentos de classe, reconhecendo-os/as como sujeitos de desejos, histórias, corporeidades e afetos.

Nesse movimento, a interseccionalidade pode constituir um recurso heurístico relevante para pesquisas dedicadas à compreensão das relações entre juventudes e escola, aprofundando a compreensão de juventudes no plural.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins & Bilge, 2021, p. 16).

Em alguns dos artigos analisados, observa-se a permanência de uma compreensão naturalizada da condição estudantil, na qual o sujeito é apreendido prioritariamente a partir de seu papel institucional como aluno (Sacristán, 2005) e de sua posição no processo de aprendizagem. Alguns estudos contemporâneos ainda tendem a naturalizar a associação entre juventude e condição estudantil, mesmo diante do processo de “desinstitucionalização do social” (Dubet, 1994). Ainda que a experiência escolar constitua o foco de determinados trabalhos, torna-se relevante apreendê-la em articulação com as demais dimensões da vida dos sujeitos. A expansão do Ensino Médio brasileiro, sobretudo a partir da década de 1990, ampliou e diversificou significativamente o contingente de estudantes que passaram a frequentar essa etapa da escolarização, trazendo para o interior da escola sujeitos

atravessados por contextos e experiências marcados por múltiplas desigualdades sociais (Dayrell, 2007).

Outras pesquisas se destacam por acompanhar os/as jovens e “deixar expandir de maneira mais ampla e mais aberta possível o espaço da fala e das *formas de existência do narrador*” (Delory-Momberger, 2012, p. 527, grifos da autora). Nessa perspectiva, os estudos com jovens podem buscar, entre os sujeitos pesquisados, a modulação de categorias que acabam por problematizar expressões muito correntes nos jargões escolar e acadêmico, como “alunos difíceis”, “bagunceiros”, “indisciplinados”, “obedientes”, etc. Há trabalhos que realizam a tarefa de relacionar categorias de análise e esquemas de entendimento juvenil, estabelecendo conexões entre as narrativas e as práticas juvenis com os esquemas conceituais heurísticos (Bandera, 2014).

TRANSVIO II: INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS E RELAÇÕES DE PESQUISA COM JOVENS

Em *O nativo relativo*, Viveiros de Castro (2002) problematiza as relações que se estabelecem no encontro etnográfico, compreendendo a produção do conhecimento como um processo relacional entre o/a pesquisador/a e aqueles/as com quem estabelece interlocução. Nessa perspectiva, os discursos dos/as interlocutores/as não constituem meras fontes de informação, mas práticas de produção de sentidos que, em relação com as interpretações do/a pesquisador/a, participam da própria construção do conhecimento etnográfico. Por isso, um dos desafios das investigações consiste em desenvolver análises que apreendam os/as jovens em relação com o/a pesquisador/a, compreendendo-os/as a partir de uma perspectiva relacional, “resultado de um modo de observar que é centrado nas relações” (Dayrell, 2005, p. 20). Afinal, como afirma Castro (2005), em antropologia, e, por extensão, nas pesquisas com jovens, “todas as relações são possíveis. Só uma é impossível: a ausência de relação”¹⁰.

¹⁰ Conferência na UFMG, em 18 de maio de 2005. Cf: Viveiros de Castro defende pensamento “indisciplinado” em conferência na UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais. <https://www.ufmg.br/online/arquivos/001639.shtml>

Partindo da pressuposição de que “os procedimentos que caracterizam a investigação são conceitualmente da mesma ordem que os procedimentos investigados” (Goldman, 2008, p. 8), torna-se relevante aproximar práticas e discursos, reconhecendo os/as jovens como sujeitos dotados/as de reflexividade e de formas próprias de elaboração e teorização sobre suas experiências. Isso implica desenvolver a capacidade de “suportar a palavra nativa” (Goldman, 2008, p. 8) e de “levar a sério” (Viveiros de Castro, 2002) os/as jovens e seus modos de interpretar o mundo. Nessa perspectiva, os procedimentos metodológicos podem incorporar as especificidades das experiências e culturas juvenis, bem como diferentes formas de interação e expressão, incluindo o uso de redes sociais digitais, a realização de entrevistas, grupos de discussão, rodas de conversa.

A antropologia pode oferecer contribuições relevantes aos estudos com jovens ao considerar práticas e narrativas juvenis na construção analítica da pesquisa, reconhecendo sua incidência sobre os próprios processos de elaboração teórica. Nessa perspectiva, as experiências e interpretações dos/as jovens não se restringem à condição de material empírico, mas participam da produção e da reelaboração dos referenciais analíticos mobilizados na investigação. Mariza Peirano (1995) denomina “resíduos” certos fatos que resistem às explicações habituais da investigação e que se tornam visíveis a partir do confronto entre a teoria do/a pesquisador/a e as ideias dos/as pesquisados/as. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de recorrer, por meio de uma espécie de “desvio etnográfico”, a um “ponto de vista descentrado” (Goldman, 2008). Nos encontros de pesquisa, acontecimentos fortuitos, a escuta atenta e olhares sensíveis podem lançar novas luzes sobre os dados e favorecer outras interpretações acerca das relações dos/as jovens com a escola. Trata-se, portanto, de reconhecer contribuições da antropologia para o exercício da pesquisa com jovens, especialmente no que se refere à atenção às relações, aos sentidos produzidos pelos sujeitos e aos deslocamentos provocados pelo encontro de pesquisa, sem pressupor que tais contribuições impliquem, necessariamente, a adoção da antropologia como metodologia de pesquisa, ainda que esta possa constituir uma escolha metodológica.

A partir do exposto, observa-se que, em alguns artigos, os/as autores/as conseguem “olhar de dentro” (Pereira, 2016) das pluralidades e trazer à cena as singularidades juvenis, incorporando às análises dimensões relacionadas à raça, ao gênero e à etnia e evidenciando que as juventudes, no plural, são vivenciadas de maneiras singulares. Nessa direção, alguns trabalhos permitem identificar reflexões que se aproximam de uma perspectiva não escolar da escola (Sposito, 2003). Embora as escolas possuam “certa vocação homogeneizante há também muitas amostras de como elas são espaços em que as diferenças são colocadas em questão a todo momento” (Pereira, 2017, p. 169), especialmente diante dos modos pelos quais os/as jovens “teimam” em singularizar-se, introduzindo no cotidiano escolar elementos e experiências juvenis que tensionam certa conformação moderna da juventude. (Franceschini, et al., 2016; Miranda, 2018; Paladino, 2010; Teixeira-Filho & Rondini, 2011, Bessa & Silva, 2016a; Silva, 2016b; Caetano, et al., 2016; Seffner, 2013).

No conjunto dos artigos analisados, predominam investigações de abordagem qualitativa. Contudo, as dificuldades, os constrangimentos e os embaraços implicados na construção das relações de interlocução são raramente explicitados como parte constitutiva da experiência de campo. Tais dimensões, quando silenciadas, podem obscurecer os processos relacionais que atravessam a produção dos dados e a própria construção do conhecimento sobre as experiências juvenis.

O acúmulo produzido no campo da Sociologia das Juventudes constitui referência fundamental para a compreensão dos/as jovens como sujeitos, representando um deslocamento importante em relação a perspectivas que os/as apreendiam prioritariamente a partir de sua condição estudantil. Contudo, como observam Juliano Pereira e Luiz Alberto Gonçalves (2016, p. 3), a compreensão das juventudes no plural, embora fundamental, “não é o suficiente para estruturar tratamentos igualitários e justos, que condizem com a diversidade desses sujeitos sociais para que sejam compreendidos e tratados na totalidade de suas experiências, a partir da realidade de seu local social”. Nessa direção, o reconhecimento da pluralidade juvenil demanda também a consideração das condições sociais e das experiências concretas que constituem os sujeitos e atravessam suas diferentes formas de vivenciar a juventude.

Desse modo, torna-se necessário problematizar continuamente a categoria juventudes, já consolidada ou “acostumada” (Barros, 1996) no campo sociológico, examinando em que medida ela é capaz de apreender percursos marcados pela reversibilidade, pela hipertextualidade (Pais, 2003; 2003b) e pelas transversalidades (Reis, 2014) que atravessam as experiências juvenis, particularmente na contemporaneidade.

PARA DESFORMAR PESQUISAS COM JOVENS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das diferentes possibilidades de compreender a pluralidade de dimensões que atravessam a condição juvenil, vislumbra-se a possibilidade de apreender as múltiplas experiências dos/as jovens a partir da perspectiva da singularidade. Trata-se, portanto, de considerar as pluralidades singularizadas, atentando para as particularidades, semelhanças e diferenças que constituem as experiências e vivências juvenis. Por pluralidades singularizadas, compreende-se não apenas a necessidade de considerar as juventudes em sua diversidade, mas também de reconhecer as singularidades que atravessam e constituem essa pluralidade. Para tanto, propõem-se duas chaves analíticas: os processos de individualização (Martuccelli, 2006) e a perspectiva da interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Collins; Bilge, 2021).

No âmbito das sociologias do indivíduo, os processos de individualização assumem relevância para a compreensão das sociedades contemporâneas na medida em que deslocam a atenção para as experiências concretas dos sujeitos e para os modos como estes vivem, enfrentam e atribuem sentidos às condições sociais que os atravessam. Como afirmam Martuccelli e Singly (2012, p. 11), “de nada serve ler os grandes processos sociais se se é incapaz de compreender as vidas das pessoas: a forma como vivem, lutam e enfrentam o mundo”. Essa perspectiva possibilita realizar um “zoom sociológico” (Carrano, 2009), deslocando a atenção para os processos de individualização e para as constantes singularizações que atravessam as experiências juvenis, de modo a apreender, no plural, as diferentes formas de viver a juventude, “dar conta dos problemas sociais ao nível dos indivíduos” (Leal, 2017, p. 107). Tal

perspectiva permite reconhecer que, embora compartilhem determinadas posições sociais ou mesmo destinos geracionais, os indivíduos constroem e articulam trajetórias singulares, produzindo histórias de vida que não se reduzem às condições sociais que compartilham (Carrano, 2009).

Articulada aos processos de individualização, a perspectiva interseccional constitui outra possibilidade de aprofundamento das análises sobre as experiências juvenis, ao deslocar a atenção para os modos como diferentes marcadores sociais da diferença se articulam na constituição dos sujeitos. Conforme discutido, alguns artigos, especialmente aqueles que abordam relações de raça, gênero e sexualidade, já sinalizam para uma compreensão interseccional das juventudes. Em algumas produções, as diferentes dimensões que atravessam as experiências juvenis aparecem mobilizadas de forma mais descritiva e aditiva, como na combinação entre juventude, classe, gênero, sexualidade e raça. Embora essa abordagem contribua para evidenciar a diversidade das experiências juvenis, o aprofundamento da perspectiva interseccional pode favorecer a compreensão das relações que se estabelecem entre esses marcadores e dos efeitos produzidos por sua articulação, em consonância com a proposição de Collins (2017).

Ainda no âmbito das possibilidades analíticas que podem contribuir para o aprofundamento da noção de uma pluralidade singularizada, os estudos decoloniais parecem constituir uma perspectiva a ser considerada. Nesse sentido, cabe indagar em que medida e de que modos as abordagens decoloniais podem interrogar a Sociologia das Juventudes, deslocando pressupostos e categorias a partir dos quais as experiências juvenis têm sido historicamente apreendidas. Nos artigos analisados, essa perspectiva não se apresentou de forma expressiva, o que não permite, nos limites deste estudo, desenvolver uma discussão mais aprofundada sobre suas contribuições. Ainda assim, sua ausência relativa no corpus analisado pode ser tomada como uma pista para novas problematizações, especialmente no que se refere aos modos de produção do conhecimento sobre as juventudes, aos referenciais que orientam sua compreensão e às possibilidades de reconhecer experiências e formas de existência que tensionam perspectivas universalizantes.

Os diferentes artigos analisados também permitiram refletir a relevância das “perspectivas não escolares no estudo da escola” (Sposito, 2003). Essa perspectiva incidiu diretamente sobre o percurso analítico da pesquisa, ao colocar em questão os critérios inicialmente mobilizados para a categorização dos artigos. Em um primeiro momento, foram privilegiadas produções que abordavam a escola a partir de categorias mais diretamente associadas ao universo escolar, como sucesso e fracasso escolar, indisciplina e relações sociais. A incorporação da perspectiva não escolar, contudo, deslocou esse enquadramento, ao evidenciar que a dimensão escolar não constitui um domínio isolado, mas se articula a outras dimensões da experiência social.

O estudo também permitiu identificar instrumentos metodológicos recorrentes nas pesquisas e evidenciar que o reconhecimento dos/as jovens como sujeitos capazes de produzir interpretações sobre suas próprias experiências possui implicações teórico-metodológicas, incidindo sobre os modos de produção do conhecimento. Nessa direção, ressaltam-se as contribuições da antropologia para as pesquisas com juventudes, especialmente pela atenção às narrativas dos sujeitos e pela disposição de “suportar a palavra nativa” (Goldman, 2008) e de levar a sério suas interpretações e experiências (Viveiros de Castro, 2002), ampliando as possibilidades de apreender pluralidades singularizadas.

Nesse movimento, *transver* e *desformar*, expressões inspiradas na poética de Manoel de Barros (1996), podem ser tomadas como possibilidades de tensionar formas já sedimentadas de apreender os/as jovens e suas experiências. Se *transver* remete à possibilidade de produzir outros modos de ver e interpretar, *desformar* sugere deslocar noções consolidadas no campo de estudos da juventude. Mobilizadas como metáforas para o fazer investigativo, essas noções podem contribuir para ampliar as possibilidades de pesquisa sobre as relações entre juventudes e escola, foco deste artigo, bem como para outros estudos nos quais os/as jovens ocupem lugar central na produção do conhecimento e sejam reconhecidos/as como sujeitos de direitos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. dos S. O que fazer no ano que vem? Articulações entre juventude, tempo e escola. **Educação em Revista**, n. 33, e158274, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/dQFc5qkz43MVPWRxV3ypMhh/abstract/?lang=pt&format=html> . Acesso em: 27 fev.2026.
- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5/6, p. 25-36, 1997.
- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W., BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira** – Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-73
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade** (Feminismos Plurais / Coordenação de Djamila Ribeiro). São Paulo. Editora Jandaíra, 2019.
- BANDERA, N. D. Esforçados e “talentosos”: a produção do sucesso escolar na Escola Técnica Federal de São Paulo. **Educação em Revista**, n.3, p. 195-218, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982014005000005> Acesso em: 04 de mar.2026.
- BANDERA, N. D. A Escolha da Tradição: o campo de possíveis para os estudantes do IFSP. **Educação & Realidade**, n.3, p. 809-832, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623651136> Acesso em: 08 de mar.2026.
- BARROS, M.. As lições de R.Q. In: BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 75.
- BITTAR, M. (2015). Trajetórias educacionais de jovens residentes em um distrito da periferia de São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.89, p. 47-61, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/308947-61/2015> Acesso em: 06 de mar.2026.
- BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra! In: Bourdieu, P. **Questões de sociologia**. São Paulo: Marco Zero 1983. p. 112-121
- BRENNER, A. K., CARRANO, P. C. R. Os sentidos da presença dos jovens no Ensino Médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educ. Soc.**, n. 129, p. 1223-1240, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302014143847> Acesso em: 08 de mar.2026.
- CAETANO, M. R. V., SILVA JUNIOR, P. M., GOULART, T. E. S. Masculinidades hegemônicas e dissidências: tensões curriculares em cotidianos de escolas da periferia. *Rev. Reflexão e Ação* [online], n. 1, 214-232, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v24i1.6851> Acesso em: 20 de fev.2026.

COELHO, W. de N. B.; COELHO, M. C. Preconceito e discriminação para além das salas de aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 62, 32-53, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi62> Acesso em: 10 de fev.2026.

COLLINS, P. H., BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

COUTINHO, L. G., LEHMANN, L. de M. e S. Produção de imagens e construção de sentidos: uma oficina com jovens na escola. ETD. **Educação Temática Digital**, 14, 202-219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1230> Acesso em: 10 de fev.2026.

CORTI, A. P. de O., CORROCHANO; M. C., SILVA, J. A. da. “Ocupar e resistir”: a insurreição dos estudantes paulistas. **Educ. Soc.**, n. 137, 1159-1176, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016167337> Acesso em: 08 de fev.2026.

CORROCHANO, M. C. **O trabalho e sua ausência**: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo, 2008. 442f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, n. 10, 171-188, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011> Acesso em: 08 de fev.2026.

DAYRELL, J. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. N. 100, Especial. **Educação & Sociedade**. 1105-1128, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022> Acesso em: 08 de fev.2026.

DAYRELL, J., GOMES, N.; LEÃO, G. Escola e participação juvenil: é possível esse diálogo? **Educar em Revista**, n. 38, 237-252, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000300016> Acesso em: 08 de fev.2026.

DEBERT, G. G. As classificações etárias e a juventude como estilo de vida. In: Debert, G. G. **A reinvenção da velhice**. Ed USP, 2004.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Rev. Bras. Educ.**, n. 51, 523-535, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300002> Acesso em: 08 de fev.2026.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FRANCESCHINI, V. L. C., RIBEIRO, P. M., GOMES. M. M. F. A cor da reprovação: fatores associados à reprovação dos alunos do Ensino Médio. **Educ. Pesqui.**, n. 3, p. 773-786,

jul./set, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201609149965> Acesso em: 04 de mar.2026.

FORACCHI, M. A. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo, Livraria Pioneira, 1972.

FRANCO, A., Davis, C. Autoestima: gênese e constituição de um atributo construído socialmente. ETD –Educ. Tem. Dig., n. 1, p. 99-118, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v13i1.1168> Acesso em: 09 de mar.2026.

GOLDMAN, M. Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia. Ponto Urbe, **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana**, n. 2, p. 1-12, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1750> Acesso em: 09 de mar.2026.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, n. 1, p. 61-73, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005> Acesso em: 02 de mar.2026.

JANATA, N. E. A formação de jovens do campo e o vínculo entre conhecimento, trabalho e educação: um estudo do colégio estadual do campo Iraci Salete Strozak. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 55, 111-127, 2015 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.39819> Acesso em: 02 de mar.2026.

LEAL, Á. A. A. **Desafios comuns, enfrentamentos singulares**: narrativas de jovens docentes iniciantes do Ensino Médio público. 2017. 414 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T., REIS, J. B. dos. Jovens olhares sobre a escola do Ensino Médio. **Cad. CEDES**, n. 84, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622011000200006> Acesso em: 02 de mar.2026.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T., REIS, J. B. dos. Juventude, projetos de vida e Ensino Médio. **Educ. Soc.**, n. 117, p. 1067-1084, 2011b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000400010> Acesso em: 02 de mar.2026.

KLEIN, A. M., ARANTES, V. A. Projetos de Vida de Jovens Estudantes do Ensino Médio e a Escola. **Educação & Realidade**, n. 1, p. 135-154, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623656117> Acesso em: 02 de mar.2026.

MARGULIS, M., URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: Margulis, M. **La juventud es más que una palabra**. Ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Editora Biblos, 1996.

MARTUCCELLI, D. **Lecciones de Sociologia del individuo**, 2006. Disponível em: http://cisepa.pucp.edu.pe/wpcontent/uploads/2016/07/lecciones_socilog%C3%ADa_martuccelli.pdf Acesso em: 02 de mar.2026.

- MARTUCCELLI, D., SINGLY, F. **Las sociologías del individuo**. LOM Ediciones, 2012.
- MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. São Paulo: Vozes, 2005.
- MIRANDA, S. A. de. Quilombos e Educação: identidades em disputa. Dossiê – Educação e Relações Étnico-Raciais: o Estado da Arte. **Educ. rev.**, n. 69, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.57234> Acesso em: 02 de mar.2026.
- MILLS, W. A imaginação sociológica. São Paulo;; Zahar, 1982.
- NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: Almeida, M. I. M. de; Eugenio, F. (org). **Culturas jovens** – novos mapas do afeto. Jorge Zahar Editor 2006, p 105-120.
- PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- PAIS, J. M. **Vida cotidiana – enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez. 2003b.
- PAIS, J. M.; LACERDA, M. P. C. de, OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, n. 64, p. 301-313, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.50119> Acesso em: 02 de mar.2026.
- PALADINO, M. Experimentando a diferença – Trajetórias de jovens indígenas Tikuna em escolas de Ensino Médio das cidades da região do Alto Solimões. **Currículo sem Fronteiras**, n.1, p160-181, 2010. Disponível em: <https://ru.dgb.unam.mx/items/51c474cf-1ee1-4cb7-92b7-2d4d58814ad4> Acesso em: 02 de mar.2026.
- PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Relume-Dumará, 1995.
- PEREIRA, A. B. Escritas dissonantes: escolarização, letramentos, novas tecnologias e práticas culturais juvenis. **Horizontes Antropológicos**, n. 44, p. 81-107, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000200005> Acesso em: 02 de mar.2026.
- PEREIRA, A. B. Outros Ritmos em Escolas da Periferia de São Paulo. **Educação & Realidade**, n.1, n. p. 217-237, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623654713> Acesso em: 02 de mar.2026.
- PEREIRA, A. B. Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. **Horizontes Antropológicos**, n. 49, p. 149-176, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000300006> Acesso em: 02 de mar.2026.

PEREIRA, J. G. Juventude negra: uma perspectiva decolonial. In: **Anais III CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/21312> Acesso em: 14 de mar.2026.

REIS, J. B. dos **Transversalidade nos modos de socialização e individuação**: experiências juvenis em rede, 2014. 224f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

REIS, R. Experiência escolar de jovens/alunos do Ensino Médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. 03, p. 637-652, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012000300007> Acesso em: 02 de mar.2026.

REIS, R. Aprender na atualidade e tecnologias: implicações para os estudos no Ensino Médio. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n.4, p. 1185-1207, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/HZh46jsrpz8rFqTJNySfrbL/abstract/?lang=pt> Acesso em: 18 de fev.2026.

RUOTTI, C. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. **Educação e Pesquisa**, n. 1, p. 339-355, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000100010> Acesso em: 02 de mar.2026.

SALES, C. V., VASCONCELOS, M. A. de D. M. Ensino Médio Integrado e Juventudes: desafios e projetos de futuro. **Educação & Realidade**, n.1, p. 69-90, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623656094> Acesso em: 02 de mar.2026.

SANTOS, M. de F. de S., CRUZ, F. M. L., BELÉM, R. Adolescentes podem ser alunos ideais? **Educação em Revista**, n. 03, p. 173-193, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982014000300008> Acesso em: 02 de mar.2026.

SILVA, C. S. e, COSTA, B. L. D. Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico. **Cadernos de Pesquisa**, n. 161, p. 638-663, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143888> Acesso em: 02 de mar.2026.

SILVA, L. C. da; MATOS, D. A. S. As percepções dos estudantes mineiros sobre a incidência de comportamentos de indisciplina em sala de aula: um estudo baseado nos dados do SIMAVE/PROEB 2007. **Rev. Bras. Educ**, n. 58, p.713-729, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782014000800010> Acesso em: 02 de mar.2026.

SILVA, F. G. O. da. Che(gay), brilhei, tombei e lacrei! O que faremos com esses meninos afeminados? Notas sobre travestis em ambiente escolar. **Polêmica**, n. 4, p. 76-94. 2026b Disponível em: <https://doi.org/10.12957/polemica.2016.26452> Acesso em: 02 de mar.2026.

SILVA, R. A. Políticas públicas e homofobia: diário de campo em uma escola destinada ao público LGBTTT. **Comunicações**, Piracicaba, n.1, p. 127-148, 2016a. Disponível em: <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes> Acesso em: 02 de mar.2026.

SOUZA, M. C. R. F., CHARLOT, B. Relação com o Saber na Escola em Tempo Integral. **Educação & Realidade**, n.4, p. 1071-1093, 2016. <https://doi.org/10.1590/2175-623659843> Acesso em: 02 de mar.2026.

SOUZA, M. C. R. F. Estudantes em tempo integral no campo: aprendizagens, processos e sentidos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 161, p.756-782, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143440> Acesso em: 02 de mar.2026.

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar do estudo sociológico da escola. **Revista USP**, n. 57, p. 210-226, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.voi57p210-226> Acesso em: 02 de mar.2026.

SPOSITO, M. P. (2002) Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução da violência em meio escolar. **Pro-Posições** (Unicamp), n.3, p. 71-84, 2002.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educ. Pesqui.** n. 1, p. 145-159, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100010> Acesso em: 02 de mar.2026.

TEIXEIRA-FILHO, F. S., RONDINI, C. A.; BESSA, J. C. Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. **Educ. Pesqui.** n.4, p. 725-741, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000400004> Acesso em: 02 de mar.2026.

TOMAZETTI, E. M., SCHLICKMANN, V. Escola, Ensino Médio e juventude: a massificação de um sistema e a busca de sentido. **Educ. Pesqui.**, n. 2, p. 331-342, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201606139017> Acesso em: 02 de mar.2026.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. **Mana**, n.1, p. 113-148, 2002. Disponível em: Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005> Acesso em 08/03/2026.

HISTÓRICO

Submetido: 10 de Mar. de 2026

Aprovado: 21 de Ago. de 2026.

Publicado: 27 de Ago. de 2026.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

NONATO, Symaira Poliana. REIS, Juliana Batista dos. LEÃO, Geraldo Magela. DAYRELL, Juarez Tarcísio. Traços, curvas e transvios nas produções sobre as relações juventude e escola. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, V. 30, N. 63, 2026.